



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CCHA – CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MICHELE VIEIRA DE MELO**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÃO  
SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2014**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÃO  
SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA**

**MICHELE VIEIRA DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Ms. Eliene Alves Fernandes

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528v Melo, Michele Vieira de

A variação linguística no ensino de língua materna:  
[manuscrito] : reflexão sobre a prática docente em sala de aula /  
Michele Vieira de Melo. - 2014.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2014.

"Orientação: Ma. Eliene Alves Fernandes, Departamento de  
Letras e Humanidades".

1. Ensino. 2. Variação linguística. 3. Práticas docentes I.  
Título.

21. ed. CDD 410

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÃO  
SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA**

**MICHELE VIEIRA DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

APROVADO EM: 24 de Julho de 2014.

*Eliene Alves Fernandes*

---

**Profª. Ms. Eliene Alves Fernandes**  
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

*Doralice de Freitas Fernandes*

---

**Profª. Ms. Doralice de Freitas Fernandes**  
Examinador/a – UEPB/CAMPUS IV

*Flávia Márcia de Sousa*

---

**Profª. Ms. Flávia Márcia de Sousa**  
Examinador/a - UEPB/CAMPUS IV

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por permitir que tudo isso acontecesse, em meio tantas dificuldades, sempre iluminando minhas decisões, por ter me guiado durante todo o curso para trilhar o caminho certo.

Aos meus pais Dulcicleide Balduino de Melo e Pedro Vieira de Melo Neto, pelo amor e dedicação, por sempre estar me motivando, por ter cuidado do meu filho enquanto estudava, ajudando no que eu precisasse, sempre tiveram presentes em todos os momentos, me apoiando no decorrer dessa jornada acadêmica.

Ao meu filho, Huggo Vieira Suassuna, o meu maior motivo por estar sempre lutando, pela paciência nos momentos que estive ausente, por todo amor e carinho.

Aos meus irmãos pelo afeto, união e apoio.

Ao meu avô (*in memoriam*) por sempre ter acreditado na minha capacidade, e sempre ter contribuído direta ou indiretamente pra que esse sonho se concretizasse. E as minhas avós, por serem exemplos de perseverança.

A minha cunhada Lisiane Lucena Bezerra, pelo apoio, dedicação e paciência nos momentos de desânimo, me ajudando sempre no que eu precisasse.

A minha sobrinha, pelo amor, carinho e pelos momentos de descontração.

A minha orientadora Eliene Alves Fernandes, por ter dedicado seu tempo e compartilhar sua experiência para que minha formação se tornasse um aprendizado para a vida, e que com o seu olhar crítico e construtivo me ajudou de maneira significativa a superar os desafios deste trabalho, agradeço por toda confiança em mim depositada.

A todos os colegas de curso, especialmente as colegas e amigas Kilvia, Samara, Silvaneide pelo apoio e incentivo e pelo carinho.

Ao amigo Francisco Bezerra Neto (Irmão Neto), pela paciência que sempre teve com os desabafos, pelas palavras de incentivo, e pela sua amizade.

E por fim, aos professores e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste curso.

[...] de todos os conjuntos de superstições infundadas que compõem a cultura brasileira, nenhuma é tão resistente, parece, quanto o das ideias preconcebidas que impregnam nosso imaginário a respeito da língua em geral e, mais especificamente, da língua que falamos.

Marcos Bagno

# A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA

Michele Vieira de Melo<sup>1</sup>; Eliene Alves Fernandes<sup>2</sup>

## RESUMO

Considerando as dificuldades encontradas pelos professores de Língua Portuguesa no que concerne à prática didática envolvendo a variação linguística, este trabalho faz uma reflexão acerca do tema e a maneira como os professores de Língua Portuguesa abordam o assunto em sala de aula; mostra, no decorrer das reflexões, que o educador atento para essas questões, possibilitará aos alunos um ensino mais dinâmico e mais interessante. Nesse sentido, discute sobre a pertinência do tema à luz de alguns teóricos como Marcos Bagno (2007), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), Celso Pedro Luft (2007), entre outros, a fim de proporcionar um raciocínio sobre a língua e seus usos, bem como indicar recursos pedagógicos que contribuam em suas práticas docentes. Dessa maneira, espera-se atender uma qualificação docente necessária para o desenvolvimento do trabalho com o tema abordado.

**Palavras-chave:** ensino, variação linguística, práticas docentes.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Letras - UEPB - (Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - Campus IV). E-mail: [chellehuggo\\_mello@hotmail.com](mailto:chellehuggo_mello@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente, orientadora da pesquisa, Professora efetiva da UEPB. Mestre em Letras pela UFPB. E-mail: [ajlnalves@hotmail.com](mailto:ajlnalves@hotmail.com)

## **ABSTRACT**

Considering the difficulties encountered by teachers of Portuguese Language with regard to didactic practice involving the linguistic variation, this work is a reflection on the subject and the way the Portuguese language teachers discuss the subject in the classroom; shows during the reflections, the educator tuned for these issues, will allow students a teaching more dynamic and more interesting. In this sense, discusses the relevance of the topic in the light of some theorists like Marcos Bagno (2007), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), Celso Pedro Luft (2007), among others, in order to provide a reasoning about the language and its uses, as well as pedagogical resources indicate that contribute in their teaching practices. In this way, it is expected to take a teaching qualification necessary for the development of the work with the theme addressed.

Keywords: teaching, linguistic variation, teaching practices.



## 1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes obstáculos a ser enfrentado em torno do ensino da língua materna é o método usado pelo docente para ensinar aos alunos a sua própria língua, levando em consideração que o ensino da Língua Portuguesa se limita ao uso da gramática normativa, estabelecendo o que é “certo” ou “errado”.

Sabe-se que a gramática normativa é importante e que os professores de português precisam trabalhar essas questões de forma eficaz. Diante disso, é perceptível que existe uma necessidade de formar professores que se adequem às mudanças necessárias com relação às atividades pedagógicas que envolvem o uso da Língua Portuguesa.

A gramática tradicional ocupa função de grande importância na sala de aula, pois, apesar de está se falando de variação linguística, precisa se fazer uso das normas gramaticais quando for escrever uma redação, uma carta, um ofício por exemplo, entre outras diversas situações.

É preocupante a realidade atual do ensino de Língua Portuguesa, pois existe uma falta de reconhecimento voltado para prática pedagógica no ambiente escolar, de maneira que, na escola, o que prevalece é a língua privilegiada pela sociedade.

Devido ao perfil tradicionalista de ensino, o processo de normatização afasta da língua a realidade social, transformando-a em produto externo peculiar a sua realidade, formando um conceito de que a Língua Portuguesa é difícil de aprender. Desse modo, grande parte dos professores de português exploram os métodos antiquados das classificações gramaticais e das nomenclaturas, possivelmente motivados pela grande pressão por parte do sistema educacional e da sociedade.

Sendo assim, é visível que não existe mais lugar em uma instituição que se dedique, apenas, a ensinar a língua padrão. A escola necessita entender seus estudantes e desenvolver atividades pedagógicas com objetivo de contribuir para inclusão social dos alunos que não dominam a norma culta.

Dessa maneira, para se ter um resultado das reflexões a respeito da prática do docente em sala de aula com relação à variação linguística, é necessário enfatizar a maneira como os professores de Língua portuguesa abordam tal assunto

com seus alunos, considerando os princípios determinados pela gramática normativa.

A língua está em constante movimento, logo, não pode ser estudada de maneira estática e mecanizada, isso porque a linguagem ensinada nas instituições raramente condiz com a utilizada no nosso cotidiano.

A base teórica do trabalho foi, Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni Ricardo, Celso Pedro Luft, entre outros. Tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a variação linguística e a maneira como os professores de língua portuguesa abordam o assunto em sala de aula, assim como incentiva-los a refletir sobre suas práticas docentes. Estrutura-se de uma parte introdutória, conceitos sobre a variação linguística, preconceito linguístico, Parâmetros Curriculares Nacionais, propostas para trabalhar a variação linguística nas salas de aula, e considerações finais.

O processo de ensino/aprendizagem de língua materna ainda está longe do ideal preconizado pelos linguistas. Embora os professores trabalhem as variedades como objeto de estudo nas salas de aula, ainda deixam claro que existe certa vulnerabilidade na maneira como o assunto é trabalhado.

## 2. CONHECENDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores na sala de aula, a respeito da variação linguística, é envolver o tema com as atividades utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa. Grande parte dos professores não tem capacidade para debater o assunto em sala de aula e optam por manter-se ligados às práticas convencionais de ensino; poucos professores se interessam pelo processo de variação linguística e, quando discutida em sala de aula, é vista de maneira preconceituosa. Porém, é necessário entender que essas variações são peculiares ao modo de falar de cada indivíduo. É importante que se tenha uma nova posição a respeito da língua está ligada ao discurso que o docente precisa inserir em suas práticas. Por isso é necessário saber que existem dois pontos de vista bem definidos. De acordo com Bagno (2007, p.60.a).

Existem na sociedade duas ordens de discurso que se contrapõem: O discurso científico, embasado nas teorias da linguística moderna, que trabalha com as noções de variação e mudança. O discurso do senso comum, impregnado de concepções ultrapassadas sobre a linguagem e de preconceitos sociais fortemente arraigados, e que opera a noção de erro.

Nesse sentido, o discurso científico vê o “erro” como algo inventado pelo homem, podendo ser variável em suas relações sócio-culturais, uma vez que seus termos linguísticos não são prontos e acabados, pois estão sempre passando por mudanças, por isso esse discurso se baseia nos conceitos da linguística moderna e está relacionado com a sociolinguística.

Com base nos estudos sociolinguísticos a partir de Bagno, Bortoni-Ricardo, Luft, entre outro, foi possível entender que a língua pode ser alterada através dos próprios falantes, graças à descoberta de novas maneiras de empregá-la. Conforme Bagno (2007):

“Ao contrário da Gramática Tradicional, que afirma que existe apenas uma forma certa de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso.” (2007 p.73).

Torna-se claro que a variação linguística não acontece somente na maneira de falar dos indivíduos; É vista, também, na maneira como o indivíduo se comporta diante de determinados contextos ou no meio de interação onde se encontra, esse tipo de variação também é conhecida como variação estilística, os indivíduos adaptam-se aos modos de se expressar, com comportamentos característicos no momento do seu discurso. Dessa forma Bagno (2007) ressalta que:

Essa situação pode ser de maior ou menor formalidade, de maior ou menor tensão psicológica, de maior ou menor pressão da parte do(s) interlocutores(s) e do ambiente, de maior ou de menor insegurança ou autoconfiança, de maior ou de menor intimidade com a tarefa comunicativa que temos a desempenhar etc. Cada um desses tipos de situação vai exigir do falante um controle, uma atenção e um planejamento maior ou menor do seu comportamento em geral, das suas atitudes e, evidentemente, do seu comportamento verbal. Tudo isso pode ser sintetizado no conceito de monitoramento estilístico (BAGNO, 2007, p. 45. a)

Segundo Cagliari (1989 apud ICHIKAWA, 2003), os indivíduos desenvolvem as mudanças linguísticas próprias da comunidade onde vivem, contudo a população se utiliza dessas maneiras específicas de falar para particularizar indivíduos ou classes sociais através da fala. Esse comportamento social mostra o preconceito, já que determinam modificações linguísticas como sinal de indivíduos prestigiados ou estigmatizados.

A Língua Portuguesa, como qualquer outra língua, não é falada da mesma maneira por todos os falantes que a usam. Aliás, com o passar do tempo, a linguagem vai evoluindo, passa por modificações e adquire características específicas por utilizarem a língua em algumas comunidades específicas.

De acordo com os PCNs (1997), na Língua Portuguesa há diversas variedades nos dialetos; as pessoas são reconhecidas através da maneira como falam, classificando sua origem geográfica e social. Os PCNs ainda afirma que é preciso compreender e valorizar a diversidade cultural e social do Brasil e dos outros países e de outras etnias, deixando de lado qualquer rejeição que diz respeito às diferenças culturais.

Portanto, é de fundamental importância saber que, por meio do reconhecimento das diferenças sociolinguísticas, os estudantes possam compreender que existem muitas maneiras de falar a mesma coisa. É necessário

que eles percebam que as formas diferenciadas de falar, tem efeitos comunicativos também diferentes, podendo elevar o prestígio do falante ou diminuir suas oportunidades.

Para Bagno et al. (2002), a escola precisa abrir espaço para uma maior quantidade de manifestações linguísticas, utilizando maior número de gêneros textuais e de variações linguísticas, sejam rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais etc. Isso representa a abertura da escola às variedades, onde a língua pode ser realizada.

A função da escola frente às mudanças sociolinguísticas é de fundamental importância, logo, não pode ignorar as características linguístico-culturais dos estudantes e querer substituí-las pela linguagem cultural institucionalizada. Ao contrário, a diversidade linguística desses alunos deve ser respeitada e valorizada, e que não seja rejeitada a oportunidade de aprender as variedades de prestígio, já que a língua é uma das riquezas culturais indispensáveis à ascensão social. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos tem que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

É necessário que a instituição tenha como ponto de partida as variedades linguísticas usadas pelos discentes, considerando os contextos sociais onde estão inseridos. Com isso, um dos problemas de ensino de língua materna seria pelo menos amenizado, pois a questão da variação linguística é indubitavelmente um dos aspectos mais significativos que afetam as relações em sala de aula e a qualidade de conquista de saber.

### 3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Preconceito linguístico é uma conduta em que o indivíduo faz um pré-julgamento da maneira de utilizar a língua, tanto na fala como na escrita do seu semelhante. Nessa atitude acontece a discriminação, uma vez que o julgador se acha superior linguisticamente ao julgado e, conseqüentemente, se acha superior como indivíduo.

Para Bagno (2003, p.75) “os preconceitos linguísticos impregnaram-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e estar no mundo”. Além disso, é certo que o cidadão não limita suas ideias pré-concebidas somente a um tipo de aversão, sem dúvida que manifesta o prejulgamento também preconceituoso no que diz respeito à cor, a orientação sexual, de classe social, etc. Tudo isso causado pela ignorância em relação à multiplicidade desses fatores sociais.

É indiscutível a influência desenvolvida pela língua na vida dos indivíduos, logo a maneira como se comunica diz muito sobre a pessoa; daí vem a interrogação do linguístico com o social. A língua influencia o convívio entre seres humanos, ao mesmo tempo é influenciada por ele, assim, julgar a fala do semelhante como erro e inferior não envolve apenas questões linguísticas, como também questões sociais.

O preconceito linguístico está diretamente ligado a uma sequência de mitos dentro da nossa sociedade, como afirma Bagno (2004): “existe uma forma correta de falar”, “português é muito difícil”, “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”, “a fala correta é a que se aproxima da escrita”. Esse preconceito baseia-se em desconsiderar as variedades linguísticas, um fenômeno natural da língua, mas sim ter a visão limitada de que saber Língua Portuguesa é saber regras gramaticais, é saber a norma padrão.

Segundo Luft (2010, p. 21) “Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. A fim de que isso não aconteça, o professor precisa ter a convicção que:

Todas as variedades da língua são valores positivos. Não, não será negando-as, perseguindo-as, humilhando quem as usa, que se fará um trabalho produtivo no ensino. Nem se mudarão em nada esses usos de níveis culturais inferiores como alguns equivocadamente pensam. Cada falante como sabe e consegue falar, como eles ou outros desejariam que falasse. (LUFT, 2002, p. 69)

Apesar disso, o que se percebe é esse preconceito ser alimentado no dia a dia, aparecendo com bastante frequência na escola, no convívio dos jovens que não fazem uso das regras estabelecidas pela gramática normativa. Hoje, a mídia é a principal responsável pela divulgação do preconceito linguístico, cuja disseminação acontece através de rádios, televisão e programas humorísticos. Esses sistemas desenvolvem estereótipos, levando o senso comum a acreditar que são verdadeiras imagens da sociedade, fazendo uma distorção sobre o conceito de língua, distanciando-se totalmente do uso real. Além disso, o preconceito linguístico vem sendo sustentado pelos meios de comunicação, que pretendem mostrar o que é “certo” e o que é “errado”. Bagno (1999, p. 67) ressalta que

“É preciso abandonar esse anseio de tentar atribuir a um único local ou uma única comunidade de falantes o “melhor” ou “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua (...)”.

A partir desse conceito a que se atribua à importância realizada pela variação linguística no ensinamento da Língua Portuguesa. É preciso instruir os alunos a respeito da língua na escola para que esse preconceito seja pelo menos moderado.

Pode-se dizer que os alunos pensarão a respeito da língua quando forem capazes de analisar os diferentes tipos de variedades existentes nela, resultado da história e do conhecimento de uma sociedade. Nesse sentido, o educador tem a função de despertar os alunos sobre essas diferenças e proporcionar circunstâncias que estabeleçam comportamentos linguísticos distintos.

É importante ressaltar que, de acordo com os pressupostos da sociolinguística e da linguística, não existe “erro” num sistema linguístico, já que todos são capazes de comunicar e só representam as variações dialetais presentes em qualquer língua. Portanto, questionar: por que continuar com a discriminação com estes falantes por seus costumes linguísticos? Aqui entra o conceito de poder e

status social, uma vez que, não é apenas a forma de falar que sofre preconceito, mas a identidade do falante.

Entre as diversas maneiras de preconceito que existem em nossa sociedade, o linguístico, possivelmente seja a mais sutil, exatamente por estar embutido nas classes de valorização sociais. Geralmente, não se discrimina o que um indivíduo fala, e sim quem fala. Assim, não é admissível distanciar o linguístico do social, nem a linguagem das relações de prestígio. A respeito disso, Bagno (2010, p. 16) vem dizer que “o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social”.

Dessa maneira, levando em consideração que a norma culta é simplesmente uma ilusão e conseqüentemente, ela é oculta; a língua é também um meio de discriminação econômica e social, reforçado pela escola, pelos meios de comunicação e pelas pessoas cultas. Por isso, cabe aos estudiosos da linguagem, que se preocupam e se interessam por tudo que envolve a diversidade dos fenômenos linguísticos, discutir contra a norma dita como correta, contra o preconceito, transmitindo o que realmente é uma língua e, assim, tentar construir uma sociedade livre de qualquer tipo de exclusão e dominação pelo uso da língua.

É de suma importância que a escola saiba lidar com a diversidade, especialmente, com a linguística, uma vez que, o aluno carente do português padrão não sofra com preconceito linguístico, e não seja rotulado como “deficiente linguístico” e não se sinta inferior e desestimulado a aprender.



#### 4. OS PCNs E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Elaborado em 1996, porém colocado em circulação apenas em 1998, os PCNs têm como objetivo proporcionar aos professores uma reflexão sobre a prática pedagógica que proporcione um planejamento adequado das aulas, assim como analisar e selecionar materiais didáticos, colaborando para uma formação e a evolução dos profissionais.

Para o documento citado o que precisa ser trabalhado é a capacidade comunicativa, onde o indivíduo seja apto a interagir com os outros indivíduos apesar de suas diversidades linguísticas. A esse respeito, os PCNs dizem:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro as diferentes situações comunicativas (...) é saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige". (BRASIL, MEC\_SEF, 1997, p. 31)

Embora utilizando uma visão inovadora sobre a variação linguística, o que se percebe é que tal questão é discutida de maneira insignificante, quando se refere à forma como o professor deve abordar isso em sala de aula, tornando-se muitas vezes sem ter conhecimento como unir a teoria à prática, nem saber como desenvolver, nos estudantes, a capacidade de adaptar sua fala, dependendo de cada situação.

Sabe-se que, o homem é um indivíduo social que se relaciona, ele influencia e é influenciado pelo meio onde vive. A função do educador é mediar este processo, o que acontece com a língua, mostrando suas variedades, analisando suas características, refletindo sobre os contextos, onde algumas variações podem ser mais convenientes, não menosprezando, nem desprestigiando as outras.

É necessário que, por meio da valorização das diferenças sociolinguísticas, os estudantes saibam que existem várias maneiras de dizer a mesma coisa. Os alunos precisam perceber que as diversas formas de falar tem propósitos comunicativos também diferentes. A língua nos permite essa variabilidade e flexibilidade, de ser mais ou menos monitorada de acordo com o contexto. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa, trazem

a seguinte afirmação:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação as circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN - Língua Portuguesa, 1998, p.31).

A forma como o docente analisa a língua e a maneira como ele se relaciona com a linguagem vai decidir como ele irá trabalhar a variação linguística, a gramática normativa e a norma padrão, pois o professor é o indivíduo decisivo durante o processo de colocar em prática e adquirir a reeducação sociolinguística, analisando os conceitos de ensino.

## 5. O QUE ENSINAMOS NA SALA DE AULA?

Considerando o que já foi exposto, ensinar a variação linguística no ambiente escolar exige dos docentes uma formação e uma visão crítica a respeito da língua, considerando também os aspectos regionais e as consequências sociais e econômicas incluídas nessas mudanças linguísticas.

É necessário que os professores estudem e reconheçam as variações de menor prestígio social existentes na maneira de falar dos alunos, da mesma forma elaborar atividades que os incluam na sociedade. Bagno (2007. p. 79) afirma que:

A Sociolinguística nos ensina que onde tem variação (linguística) sempre tem avaliação (social). Nossa sociedade é profundamente hierarquizada e, conseqüentemente, todos os valores culturais e simbólicos que nela circulam também estão dispostos em categorias hierárquicas que vão do “bom” ao “ruim”, do “certo” ao “errado”, do “feio” ao “bonito” etc. E entre esses valores culturais e simbólicos está a língua, certamente o mais importante deles.

Desse modo, cabe aos professores ter conhecimento da cultura linguística de seus alunos, objetivando mostrá-los a importância do estudo língua e, conseqüentemente, apresentar mais informações relacionadas ao processo linguístico, do mesmo modo que sejam capazes de empregá-las conforme cada necessidade de comunicação. Por isso, é dever dos professores respeitar a linguagem intrínseca adotada por cada indivíduo, visando contribuir para a realização de contínuos estudos sobre a Língua Portuguesa, já que ficam presos no ensinamento da gramática normativa.

A gramática normativa foi adotada pela escola e é considerada como padrão para o ensino de Língua Portuguesa, ignorando assim os fenômenos variáveis. Para Castilho (2001), a condição do ensinamento da nossa língua mudaria se o ensino da Língua Portuguesa intensificasse suas habilidades comunicativas, uma vez que, quanto mais cedo descoberto a importância da língua falada, mais cedo esses alunos adquiriam habilidades para produzir seus textos.

Do mesmo modo, é preciso considerar também as dificuldades que os alunos mostram no que diz respeito ao uso da língua oral e escrita. Não se deve ter intenção de corrigir o que acredita ser errado pelo que é considerado certo, mas

reforçar a presença da variação que há na língua e apresentar as várias formas de expressar o que se pretende. Para tanto, percebe-se a importância de desenvolver um trabalho crítico e reflexivo sobre a língua falada e escrita, a partir da realidade sociocultural dos alunos. Sobre essa discussão (LUFT, 2007, p. 17) afirma:

O problema do certo/errado em linguagem tem dupla face: um aspecto interno e um externo. O sistema de **língua** e as circunstâncias atuais de cada ato de fala. O sistema tem a sua lei, ou melhor, as suas normas prévias, abstratas. As outras normas vêm do exterior: da comunidade, do(s) ouvinte(s), da situação ou momento (cerimonioso ou sem cerimônia, formal ou informal), do assunto, dos objetivos do ato de comunicação, etc.

É importante que fique claro que, embora esteja falando de Brasil, todas as línguas mudam. Se existem pessoas, existe variação. Logo, a diversidade linguística não é um fenômeno exclusivamente de um lugar; daí a diversidade ser inerente a qualquer língua.

Deste modo, é preciso que o professor de Língua Portuguesa conduza, para dentro da sala de aula, textos de diversos autores de épocas diferentes, conteúdos que estejam ou não de acordo com a gramática normativa. Trazer textos de outras regiões que apresentem, amplamente, particularidades específicas de um lugar, de um povo e uma época.

Isso irá fazer com que o aluno enxergue seu contexto de vida e, conseqüentemente, seja capaz de conhecer as mais diferentes facetas de língua materna. Assim, o educador despertará um grande interesse no discente influenciando-o a fazer comparações entre textos, ou seja, é preciso salientar que as diferenças culturais causam diferenças na fala de cada pessoa, mostrando que não há certo nem errado no que diz respeito à língua oral.

Outra maneira de despertar o interesse no aluno para que ele tenha maior conhecimento a respeito da gramática e sobre a variação da língua é incentivar a leitura. Porém, para estimular o ato da leitura é necessário vir não somente do educador, mas também dos responsáveis pelos alunos. Assim sendo, no processo de formação de um discente, escola e família, juntos, realizam papéis fundamentais.

De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares (1997), os conteúdos de Língua Portuguesa discutidos nas escolas devem estar relacionados com as funções de habilidade dos estudantes. Portanto, a utilização da língua oral deve ser

levada em consideração, bem como a análise e a reflexão. Ter um conhecimento prévio do indivíduo é um princípio didático para que o educador queira realmente ensinar sua própria língua.

É necessário que o professor fique alerta, já que não é sua função ensinar o discente a falar, pois isso a criança já sabe bem antes da idade escolar. O documento ressalta que possivelmente, a escola não tenha adotado para si a tarefa de ensinar os usos da língua oral, e quando adotou, foi de forma inadequada.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a variação linguística na sala de aula é papel fundamental do professor de Língua Portuguesa, pois, possibilita que o aluno pense a respeito do uso diferenciado que se deve fazer da língua em determinadas situações. A prática pedagógica associada à sociolinguística tem contribuído consideravelmente para que o ensino/aprendizagem seja mais democrático.

Nas reflexões sobre a prática docente na sala de aula com relação ao ensino de língua materna, percebe-se uma grande dificuldade em discutir a variação linguística no ambiente escolar por parte dos professores de Língua Portuguesa, dificuldade que se dá pelo fato do educador não saber lidar com a capacidade linguística do aluno, tornando-se, assim, presos a gramática tradicionalista.

Nas aulas de Língua Portuguesa, deve-se trabalhar a variação linguística, e jamais excluir a gramática normativa, pois ambas são de grande importância e têm que ser discutidas da mesma forma na sala de aula. É função dos professores procurar um acordo entre as duas, para que não seja reproduzido um ensino baseado em exclusões e preconceitos.

Isso quer dizer que a variação linguística e a gramática precisam andar lado a lado, uma vez que as duas são fundamentais para um ponto de vista científico sobre a língua materna. Para que isso aconteça da melhor maneira possível, a instituição de ensino deve adotar um modo de ensino reflexivo, onde o aluno seja orientado a refletir sobre as diversas manifestações discursivas da língua.

Então, essas reflexões mostram que ao abordar a variação linguística na sala de aula contribui para formar indivíduos capacitados para entender e utilizar a linguagem conforme seus diversos contextos e diminuir o preconceito linguístico na escola.

## 6. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 15ª ed. São Paulo: Edição. Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta - língua & poder na sociedade brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 31ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola editorial, 2007. a.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2007. b.

\_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim.** Em defesa do Português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010, 2ª edição.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: Letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Stella Maris.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, é agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** 1º a 4ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil.** Brasília: MEC/SE, 1998. a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. b.

CASTILHO, Ataliba Teixeira: **A língua falada no ensino de português.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ICHIKAMA, C.S. **Variação Linguística e o ensino de ortografia: Uma variação teórica.** Unopar Cient., Ciênt. Hum. Educ., Londrina. 2003.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade:** Por uma nova concepção da língua materna. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensino e aprendizado da língua materna.** São Paulo. Globo, 2007.

\_\_\_\_\_. **ABC da Língua Culta.** São Paulo, Editora Globo, 2010.